

DIRETAS JÁ: O ACONTECIMENTO DISCURSIVO CAMUFLADO PELA MÍDIA

Lisiane Schuster Gobatto¹

PRIMEIRAS PALAVRAS

Este trabalho é um fragmento da pesquisa de dissertação de mestrado que analisa a cobertura jornalística do movimento *Diretas Já* realizada pela Rede Globo e retomada no portal de memória da emissora na internet em uma seção denominada “Erros”.

A votação da emenda parlamentar que propôs eleições diretas completou 31 anos em 2015, mas a cobertura da Rede Globo não caiu no esquecimento. Foi nesse período, durante manifestações do povo nas ruas, que se popularizou o bordão “o povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”.

Interessa nesta pesquisa, à luz da Análise de Discurso de linha francesa, identificar como esse acontecimento foi tratado e quais os efeitos de sentido ecoaram, mesmo que encobertos por pretensa imparcialidade jornalística.

Realizamos dois recortes que partiram da leitura do texto do site e da transcrição de 13 vídeos de reportagens e de dez vídeos de depoimentos de profissionais envolvidos na cobertura, disponíveis na parte da seção “Erros” que trata das Diretas.

O equívoco das formulações foi percebido no jogo metafórico entre as palavras “festa-comício-manifestação” e nos deslizamentos de sentido que provocou. Na costura das análises, percebemos que o movimento *Diretas Já* marca a irrupção de novos saberes e, dessa forma, constitui-se como um acontecimento discursivo, além de ser um importante acontecimento histórico, jornalístico e político. No entanto, as Diretas aparecem na Globo apenas como fato noticioso.

¹ Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Jornalista do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Sertão.

OS ACONTECIMENTOS: HISTÓRICO, JORNALÍSTICO, DISCURSIVO E ENUNCIATIVO

Um acontecimento histórico, cuja relevância o faz ser contado e lembrado, é tratado pela “ciência histórica”, conforme Le Goff (1990, p. 10-11). Tal ciência é constituída de regularidades reconhecidas em diversas sociedades que são identificadas e selecionadas pelo historiador.

Se os historiadores dão conta da história antiga, clássica, tradicional, os jornalistas são, hoje, os historiadores imediatos. O acontecimento, na contemporaneidade, alcança a todos pelos meios de comunicação de massa. Afinal, “para que haja acontecimento, é preciso que ele seja conhecido” (NORA, 1974, p. 246).

No jornalismo os acontecimentos são as notícias, ou melhor, viram notícia. São fatos considerados relevantes, novos e de interesse público, selecionados para a pauta dos jornais e telejornais. Têm uma existência material no mundo. Conforme Dela-Silva,

estes acontecimentos, no entanto, são selecionados pelo jornalista dentre as inúmeras ocorrências de um dado período, a partir de critérios como o interesse do público e a atualidade. Assim, tem-se a concepção de acontecimento jornalístico como um fato de interesse público, que está presente em teóricos da área de Comunicação e Jornalismo, e é reafirmada pelos Manuais de Redação, elaborados e publicados pela imprensa de referência brasileira, e responsáveis pela instrumentalização do fazer jornalístico (2008, p. 15).

Se o acontecimento jornalístico é o fato selecionado pelos jornalistas que parte, muitas vezes, de um acontecimento histórico, Indursky (2008) chama a atenção para a existência de dois tipos de acontecimento na linguagem: o discursivo e o enunciativo. O acontecimento discursivo provoca a desidentificação com a forma-sujeito de uma FD e a identificação, com uma FD nova, que instaura um novo campo de saber. Não se trata de uma simples migração, mas do surgimento de uma nova FD e de uma nova forma-sujeito.

Entretanto, podem ocorrer movimentações de sentido dentro da mesma FD sem culminar no surgimento de outra nova. Denomina-se o acontecimento provocado pelo surgimento de uma nova posição-sujeito, que introduz saberes antes

não permitidos na FD, de “enunciativo”. Contudo, a instauração de uma nova posição-sujeito não é suficiente para produzir um acontecimento enunciativo. A nova posição-sujeito deve introduzir um saber interdito até então na FD correspondente e permanecer numa relação de conflito direto com a posição-sujeito dominante.

Por sua vez, o acontecimento discursivo se dá quando novos sentidos se instauram em condições de produção específicas. Em resumo, “a estrutura faz ressoar os dizeres inscritos na memória social; o acontecimento instaura a possibilidade de romper com a repetibilidade dos sentidos já-lá da memória e abrir espaço para a produção de novos dizeres” (INDURSKY, 2003, p. 119). Entretanto, o interdiscurso pode instaurar diferenças na própria repetição, pois os sentidos produzidos nas FDs filiam-se a outros e sofrem alterações.

Na obra *Discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux (2012) traz como exemplo o enunciado “on a gagné!” (ganhamos!), repetido por ocasião da eleição de François Mitterand, primeiro presidente de esquerda eleito na França. Ao se repetir um enunciado no campo político que remetia sua significação ao esportivo, houve uma ressignificação. Eis o acontecimento discursivo: o enunciado passou a incorporar sentidos até então inexistentes naquela formação social francesa, ou seja, passaram a representar a primeira vitória de um governo de esquerda na França.

Exatamente como o enunciado “Diretas Já” aqui no Brasil. A redemocratização do sistema político brasileiro começa a se tornar realidade nas ruas, gerando novas discursividades e saberes interditos até então, que também o caracteriza como um acontecimento discursivo.

Cazarin e Rasia lembram que o acontecimento discursivo é produto da discursivização do acontecimento histórico: “O acontecimento discursivo é que permite a inscrição do acontecimento histórico no interdiscurso” (2014, p. 195). Para que ocorra o acontecimento discursivo é imprescindível a discursivização, sem a qual, o acontecimento só está inscrito na história. Mas, como é tratado um acontecimento político nos telejornais? E quando esse se torna discursivo? São questionamentos que moveremos a partir da próxima seção.

FESTA OU COMÍCIO?

A retomada do acontecimento histórico *Diretas Já* pela Rede Globo, em seu portal de memórias na internet² é significativa por justificar o tipo de discurso que produziu. A parte dedicada às Diretas na seção Erros é composta por um texto explicativo, 13 vídeos de reportagens e outros dez de depoimentos de profissionais envolvidos na cobertura, para justificar tal erro. Para este trabalho, recortamos duas sequências discursivas: uma do texto do site e uma da transcrição da reportagem do Jornal Nacional de 25 de janeiro de 1984 (sobre o comício da Praça da Sé, em São Paulo).

Vejamos as SDs:

SD 1: Mas a matéria provocou polêmicas. A Globo sofreu a acusação de mentir ao telespectador dizendo que o comício era apenas uma festa em comemoração aos 430 anos da cidade de São Paulo (TEXTO DO SITE).

SD 2: (ÂNCORA-MARCOS HUMMEL): Um dia de festa em São Paulo. A cidade comemorou seus 430 anos com mais de 500 solenidades. A maior foi um comício na Praça da Sé (CABEÇA DA REPORTAGEM DO JORNAL NACIONAL DE 25/01/84 - 2min18seg).

Nessas SDs identificamos uma regularidade que aponta para a mesma matriz de sentido, o emprego do determinante discursivo festa para designar comício, resultando no apagamento do político da campanha *Diretas Já*.

No enunciado “A Globo sofreu a acusação de mentir ao telespectador”, na SD 1, a forma verbal “sofreu” coloca a emissora na condição de vítima. Nesse caso, dizer que o comício era “apenas uma festa de comemoração aos 430 anos da cidade de São Paulo”, para o jornalista parece evidente que seja “comício” e, portanto, trata-se de uma acusação injusta.

“Uma festa” funciona como um referente de uma posição institucional (a da Rede Globo), nesta sequência extraída do texto do site, que nega ter associado

² Conforme o livro *Jornal nacional: a notícia faz história* (2004, p. 13), o projeto *Memória Globo* foi criado em 1999 pela Central Globo de Comunicações com o objetivo de preservar a história dos veículos integrantes das organizações Globo. Foram cinco anos de pesquisa, de março de 1999 a maio de 2004, “por profissionais com formação em história, antropologia e comunicação” (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 14). O site do projeto foi lançado em junho de 2008

comício à festa. Trata-se, então, de uma referência não ancorada apenas à materialidade linguística, mas a uma dada posição ideológica do sujeito, como lembra Cardoso (2003). Isso explica a não remissão de “comício” ao universo político.

Dizer, então, que “o comício era uma festa” ou dizer que “o comício era apenas uma festa” não significa equivalência de sentidos, pois comício remete à memória discursiva sobre o político enquanto que festa remete a sentidos de entretenimento no interdiscurso. Na medida em que festa é usada para desqualificar comício, a saturação deste evento político pela determinação expõe a inscrição da posição-sujeito, que funciona como apagamento do político, embora esteja inscrita na FD Jornalística, convoca elementos de outra FD, a FD governista-militar.

Na nossa análise, a determinação discursiva leva-nos a perceber que o desejo da emissora é garantir o efeito de imparcialidade jornalística, mas ao discursivizar sobre o “erro” na cobertura realizada, convoca outros elementos na memória discursiva, os quais associam a emissora ao alvo de protestos e de manifestações populares.

Observamos na SD 2, extraída do vídeo da cobertura das Diretas sobre o comício da Praça da Sé no dia de aniversário da cidade de São Paulo, em 25 de janeiro de 1984, que o comício é integrado às festividades de comemoração da cidade, o que torna ainda mais explícito o silenciamento do ato político. Se foi “um dia de festa em São Paulo” e ocorreram “mais de 500 solenidades”, sendo que “a maior foi um comício na Praça da Sé”, o comício enquanto atividade política é ignorado no dizer do sujeito da SD. Pela determinação linguística, identificamos que o adjetivo de grau comparativo “maior” ligada ao artigo “a” também insere as Diretas no nível de solenidade. “A maior” não só retorna a “solenidades” como também convoca uma memória discursiva, à lembrança do silenciado dentro dessa programação: comício enquanto atividade política.

Comício é determinado ora como festa, ora como comemoração e ora como solenidade, ou seja, ao mesmo tempo em que é nominado como festa, é indeterminado no político. Vale lembrar, nesse sentido, que a chamada da

reportagem, espaço em que geralmente se contextualiza o assunto da notícia, já antecipa o sentido que seria atribuído ao comício: entretenimento e não político.

Nas duas SDs, percebemos a mobilização de saberes de duas formações discursivas nas quais as SDs se inscrevem: FD jornalística e FD das Diretas. A FD das Diretas é o novo campo de saber instaurado nas condições de produção do período ditatorial e representa a esperança e a luta pela redemocratização do país, a volta das eleições diretas para presidente da República, o fim da ditadura, da censura e o retorno da liberdade de expressão.

A FD jornalística abarca saberes relacionados ao fazer jornalístico, à missão de informar e aos preceitos que regem a atividade jornalística no país naquele período histórico. Entretanto, percebemos que saberes da FD governista-militar, conjunto de saberes que regula o que pode e o que deve ser dito sobre o regime militar ditatorial, atravessam a FD jornalística, e os sujeitos do discurso jornalístico assumem uma posição mais identificada com os saberes da FD governista-militar e menos identificada com a FD jornalística, ou até contraidentificada com esta última. Ao discursivizarem o acontecimento Diretas Já, os sujeitos jornalistas da Rede Globo acabaram incorporando saberes da FD governista-militar, a dominante de um complexo de FD. Os jornalistas continuavam inscritos na FD jornalística, mas impregnados por saberes da FD governista-militar.

Na SD 2 o sujeito se inscreve na posição-sujeito de apagamento do político dentro da FD jornalística, pois o político é esquecido, uma vez que a tentativa é neutralizar a movimentação política da campanha, deslizando o sentido para o entretenimento. Essa posição está identificada com saberes da FD governista-militar, embora não rompa com a FD jornalística. Os sujeitos do discurso das SDs estão no entremeio de saberes das duas FDs. Isso é possível porque, segundo Indursky, “[...] as fronteiras de uma formação discursiva são suficientemente porosas para permitirem que saberes oriundos de outras formações discursivas aí se façam presentes” (2008, p. 17). O que acontece nesse caso é a fragmentação da forma-sujeito da FD jornalística que implica a heterogeneidade dessa FD.

Apesar de instaurar um novo saber dentro da FD jornalística, a posição-sujeito de apagamento do político não rompe com os saberes dessa FD. Assim,

caracteriza um acontecimento enunciativo, pois instauram saberes conflitantes na mesma FD, considerando que o discurso jornalístico tem a prerrogativa de informar, e o regime militar não permitiu isso.

Já na SD 1 o sujeito do discurso se inscreve na posição-sujeito de jornalista. A posição-sujeito não instaura nenhum tipo de tensionamento dentro da FD e, portanto, não representa um acontecimento enunciativo.

PARA EFEITO DE FECHAMENTO

De tudo o que precede, podemos afirmar que a campanha *Diretas Já* é um acontecimento discursivo que rompe a linearidade do universo logicamente estabilizado proferido pela Rede Globo. A campanha também é um importante acontecimento histórico, jornalístico e político, embora apareça apenas como fato noticioso, porque na maioria das vezes o sujeito jornalista deste *corpus* assume uma posição mais identificada com os saberes da FD governista-militar.

As análises das sequências discursivas permitiram contemplar o objetivo deste trabalho, revelando que o acontecimento histórico foi tratado como fato jornalístico na mídia televisiva, especificamente, na TV Globo. O discurso jornalístico sobre o político, apesar de recoberto pelo imaginário de imparcialidade, naturalizou sentidos de repressão e de violência da ditadura militar, além de naturalizar a ideia de que o povo não tinha autoridade para falar de política ou tornar o movimento nas ruas, como o das *Diretas Já*, um movimento político.

A criação da seção Erros no portal de memória da Globo na internet ocorreu diante da impossibilidade de sustentação do discurso de imparcialidade jornalística. Não sendo mais possível silenciar o acontecimento e os saberes do povo, a Globo o retoma na seção Erros imaginariamente “apagando” os efeitos de “camuflagem”. A emissora buscou produzir uma nova memória, mas fez ressoar novamente os efeitos de sentido de apagamento do político e reforçou a posição da época fortemente vinculada à FD governista-militar.

Quando as relações parafrásticas transformam um comício ou uma atividade política em festa e tornam esse deslizamento uma regularidade, fica evidente a

equivocidade das formulações. O jogo metafórico entre política e espetáculo representou uma quebra na homogeneidade lógica e convocou o funcionamento da linguagem, da história e do inconsciente para novos gestos de interpretação.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos*. Campinas: Autores Associados, 2003.

CAZARIN, Ercília Ana; RASIA, Gesualda dos Santos. *As noções de acontecimento enunciativo e de acontecimento discursivo: um olhar sobre o discurso político*. Revista Letras, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 193-210, jan./jun. 2014.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

INDURSKY, Freda. Lula lá: estrutura e acontecimento. *Organon*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 17, n. 35, 2003.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (Org.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. de LEITÃO, Bernardo. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Erros. Diretas Já*. jun. 2008. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/erros/diretas-ja.htm>>. Acesso em: 9 maio 2013.

NORA, Pierre. O regresso do acontecimento. In: LE GOFF, Jacques. *Fazer história 1: novos problemas*. São Paulo: Bertrand, 1974. p. 243-262.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. 6. ed. Campinas: Pontes, 2012.